

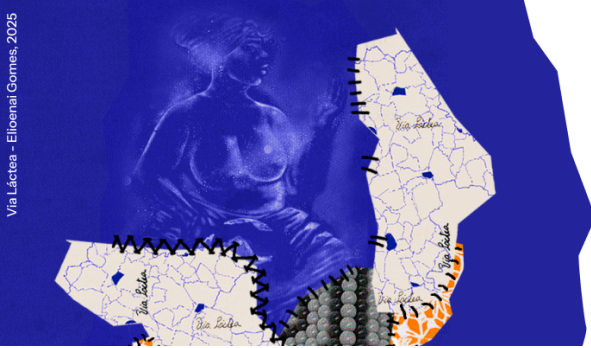
PROCESSOS CRIATIVOS NO ENSINO DE TEATRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM LARGA ESCALA

Rafael de Camargo Bueno¹ – UNESP

Em janeiro de 2024, assumi as aulas de teatro no Colégio Elite, escola da rede privada em Santo André-SP, atendendo cerca de 960 alunos nos segmentos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, distribuídos em dois turnos. Minha atuação concentrou-se nos estudantes do 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais, 8º e 9º anos dos Anos Finais e 1ª série do Ensino Médio. A unidade dispõe de três pátios, duas quadras cobertas e uma sala de artes, adaptadas para as atividades teatrais. As aulas, uma vez por semana com 50 minutos de duração, ocorreram em formato teórico-prático, totalizando a participação de 18 turmas ao longo de 2024.

O projeto Palco Elite é a mostra teatral anual da Elite Rede de Ensino, na qual os estudantes são responsáveis pela produção completa dos espetáculos, sob orientação do professor. Nos Anos Finais e no Ensino Médio, os alunos se organizam em departamentos, elenco, roteiro, cenografia, figurino, making of, sonoplastia, marketing e financeiro, permitindo que todos desenvolvam seus talentos, inclusive aqueles que não atuam no palco. No início das aulas, algumas turmas dos Anos Finais e do Ensino Médio demonstraram desmotivação devido a experiências anteriores. Para compreender suas expectativas, iniciei um processo de escuta ativa, investigando interesses e conhecimentos prévios de teatro, o que permitiu traçar estratégias pedagógicas adequadas a cada grupo. Essa prática se alinhou aos princípios da improvisação teatral propostos por Viola Spolin (2007), que valorizam jogos e atividades capazes de estimular a expressão e a participação consciente de todos.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), atua como ator, pesquisador e professor de Educação Básica II (PEB II) na disciplina de Artes na rede privada de ensino. *E-mail:* rc.bueno@unesp.br



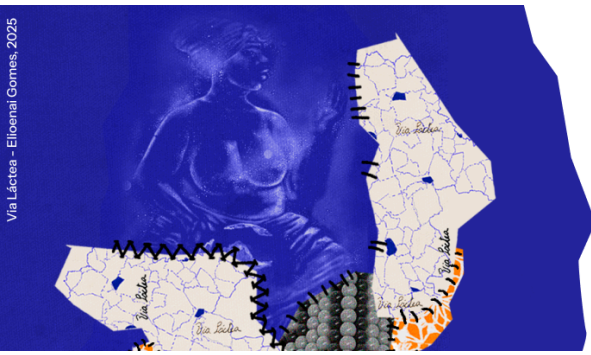
Nos Anos Iniciais, os estudantes demonstraram grande entusiasmo em participar das atividades teatrais novamente. Após a semana de integração, iniciei as aulas práticas com todas as turmas. Para ativar os corpos e a energia coletiva, começamos com brincadeiras tradicionais, como pega-pega com variações, rouba-bandeira e queimada. Na sequência, aplicava jogos de improvisação a partir da expressão corporal e, por fim, propunha construções de cena. Essa estrutura, seguida por três encontros consecutivos, permitiu o engajamento de todos os estudantes e o desenvolvimento de habilidades de colaboração, expressão e criatividade, refletindo os objetivos pedagógicos do projeto e a valorização do protagonismo no processo de aprendizagem teatral.

Figura 1 – Aula de Improvisação Teatral - Anos Iniciais



Fonte: O autor

Em relação à escolha das peças, nos Anos Iniciais eu propus temas que foram adaptados a conteúdos trabalhados em outras disciplinas e no Projeto LIV. Por exemplo, os primeiros anos exploraram a cooperação por meio do texto A Cigarra e a Formiga, que foi dividido em duas partes, permitindo que as duas turmas realizassem uma única montagem. Os segundos anos trabalharam o valor da amizade, com adaptações de O Pequeno Príncipe e da Turma da Mônica, para as turmas da manhã e da tarde, respectivamente.



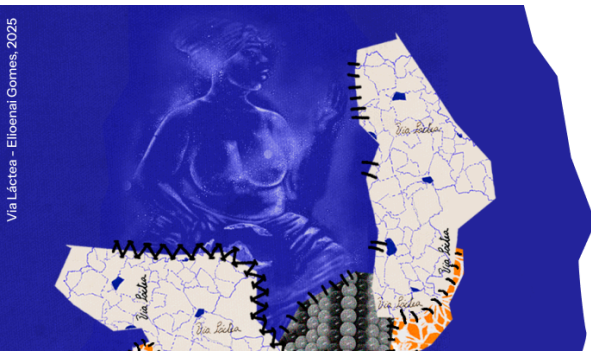
O terceiro ano da manhã abordou a solidariedade a partir do texto Festa Surpresa, enquanto o da tarde trabalhou a importância da reciclagem, com uma criação inspirada no universo de Shrek. O quarto ano da manhã, utilizando o universo de Carrossel, explorou o tema do combate ao bullying, e o quarto ano da tarde, e os quintos anos, desenvolveram peças teatrais sobre preservação ambiental.

Todas as peças dos Anos Iniciais compartilharam a integração com o currículo, incorporando música e dança ao teatro. Esse processo estimulou o exercício do pensamento crítico dos estudantes, que também participaram da construção dos textos por meio de jogos de improvisação teatral, tornando-os autores ativos de suas próprias histórias.

Para ampliar a percepção dos estudantes sobre a linguagem teatral, exibi referências cênicas (remotamente) e expliquei seus conceitos fundamentais, assegurando a compreensão crítica da prática. Essa articulação entre fazer e refletir alinha-se à Abordagem Triangular de Barbosa (2003), que preconiza a compreensão dos fundamentos da arte durante sua construção.

Nos Anos Finais, os estudantes do 8º ano optaram por trabalhar com adaptações de Chiquititas, Romeu e Julieta e Alice no País das Maravilhas. Entre as turmas, houve diferenças significativas na autonomia: as turmas 8AM e 8AT demonstraram grande independência na busca por textos e na construção de suas cenas, enquanto a turma 8BM permaneceu mais dependente da mediação do professor.

Os estudantes do 9º ano escolheram trabalhar com Carrossel, O Mágico de Oz e Divertidamente. O processo de montagem dessas turmas apresentou maiores desafios, marcado por baixa autonomia e necessidade de uma intervenção mais direta do professor, assumindo um papel próximo ao de diretor que orienta passo a passo, situação que contraria a proposta de protagonismo discente defendida por autores como Boal (2009) e Ana Mae Barbosa (2003).

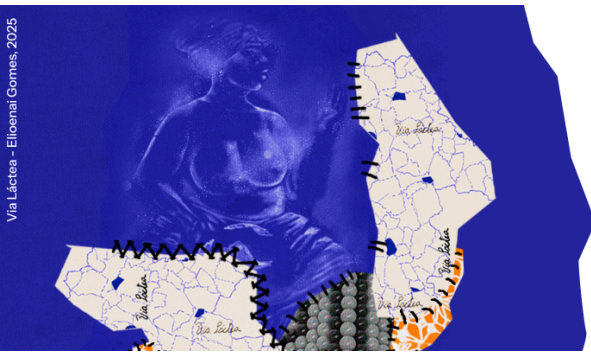


Apesar das dificuldades, após intenso trabalho e mediação pedagógica, todos os espetáculos foram apresentados, demonstrando o esforço coletivo e o desenvolvimento de habilidades artísticas, organizacionais e colaborativas dos estudantes.

No Ensino Médio, as turmas trabalharam com adaptações de O Auto da Compadecida e O Auto da Barca do Inferno. Diferentemente das turmas dos Anos Finais, esses estudantes demonstraram elevado grau de autonomia, comprometimento e engajamento durante todo o processo de ensaio e montagem. As apresentações finais foram marcadas por consistência artística, rigor na execução e criatividade, evidenciando o desenvolvimento de competências cênicas, colaborativas e organizacionais, além do fortalecimento do protagonismo discente no processo teatral.

No Ensino Médio, observou-se que os estudantes demonstraram elevado grau de autonomia e protagonismo, assumindo responsabilidades durante todo o processo de criação, desde a pesquisa de textos até a execução das montagens. Essa postura reflete a proposta de Boal (2009) de que o teatro educativo deve tornar os alunos sujeitos ativos na construção de significados, e se alinha às ideias de Viola Spolin (2007), que enfatiza a improvisação e o jogo como ferramentas para estimular a criatividade e a participação consciente. O engajamento das turmas do Ensino Médio evidenciou ainda a importância de oferecer espaços de escolha, desafio e experimentação, permitindo que os estudantes consolidem habilidades cênicas, colaborativas e de reflexão crítica de maneira mais autônoma, preparando-os para experiências artísticas e sociais mais complexas.

Por fim, a trajetória do projeto ultrapassou a mera produção de espetáculos, consolidando-se como um espaço de efetivo protagonismo estudantil. Apesar das variações no grau de autonomia entre os segmentos, desde a mediação intensiva nos Anos Finais até a autogestão bem-sucedida no Ensino Médio, o processo como um todo validou a estrutura de departamentos como modelo eficaz para engajar diferentes perfis de aprendizes. A experiência reafirma o papel central do teatro na



educação integral, evidenciando seu potencial para desenvolver simultaneamente competências socioemocionais, artísticas e críticas. O legado do Palco Elite 2024 não se mede apenas nas dezoito montagens realizadas, mas na demonstração prática de que é possível construir um ensino de teatro que seja, acima de tudo, democrático, significativo e centrado no estudante.

Figura 2 – O Auto da Barca do Inferno - Palco Elite 2024



Fonte: O autor

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. Tradução: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2007.